

Caso Eloá

Beatriz Castro da Silva

“Esta bala não foi deflagrada só pelo assassino. O que disparou essa bala foi também o gatilho da falta de dinheiro, da falta de treinamento, de equipamento, e da falta de inteligência. Esta bala selou o último ato de mais uma evitável tragédia brasileira.”

Arnaldo Jabor

Em outubro de 2008, ocorreu o mais longo caso de cárcere privado já registrado pela polícia brasileira. Eloá Cristina, 15 anos, viveu cinco dias de terror causados por seu ex-namorado, o auxiliar de produção Lindemberg Alves, 22 anos, que não havia se conformado com o término do relacionamento.

Eloá estava na companhia de sua melhor amiga, Nayara Alves, 15 anos, e de mais dois colegas de classe para fazer um trabalho da escola, na tarde do dia 13 de outubro. Lindemberg invade o apartamento da menina e mantém os quatro jovens reféns, até que os garotos são liberados, às 20h.

No dia 14, a polícia, que cercava o apartamento, corta a energia do local para tentar acelerar as negociações. A tentativa não funciona por completo, mas às 23h daquele mesmo dia, Nayara é liberada.

Quinta-feira, 16 de outubro, Lindemberg promete liberar Eloá desde que possa conversar com Nayara. O sequestrador queria que Nayara fosse até a porta do apartamento, para que os três pudessem sair juntos. Ao chegar lá, no entanto, a jovem foi raptada de volta ao cativeiro,

Na sexta-feira, dia 17, o sequestrador avisa ao negociador do caso que tudo estava chegando ao fim. Às 18h10, a polícia explode a porta do apartamento e invade a casa, após afirmar ter ouvido tiros vindos do local. No susto, Lindemberg atira em Nayara, no rosto, e na cabeça e na virilha de Eloá. As jovens foram levadas ao hospital. Dia 18 de outubro, Eloá sofre morte cerebral. No dia 21 do mesmo mês, Nayara é liberada.

Desde o início, o caso foi marcado por dois pilares principais: a negligência policial e a intensa cobertura midiática. A todo momento, essas vertentes se cruzavam. Essa convergência se acentuou ainda mais no fim do conflito, uma vez que a mídia não acatou as declarações policiais e as questionou a todo momento, divulgando sua própria

hipótese para o encerramento do caso, que afirma que o sequestrador só atirou nas vítimas após a invasão policial.

Essa posição vai de acordo com o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, Capítulo II – Da conduta profissional do jornalista:

Art. 4º O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação.

Art. 6º É dever do jornalista:

II - Divulgar os fatos e as informações de interesse público;

VIII - Respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão;

Art. 7º O jornalista não pode:

II - Submeter-se a diretrizes contrárias à precisa apuração dos acontecimentos e à correta divulgação da informação;

Na manhã do dia 14 de outubro, dia seguinte ao início do sequestro, a imprensa já estava posicionada ao redor do conjunto habitacional em que se localizava o cativo, no bairro Jardim Santo André, em Santo André, São Paulo. O caso já protagonizava os maiores telejornais do país, além de flashes sobre as negociações ao longo da programação.

No dia 15 de outubro, por questões de segurança, a polícia pede que a mídia se afaste do local, e orienta os familiares dos envolvidos a não dar entrevista. Isso não impediu, no entanto, que ocorresse um dos episódios mais controversos do caso: o sequestrador concedeu entrevistas a veículos de comunicação, direto do cativo.

Lindemberg concedeu entrevistas à Rede Record, à Rede TV (Sonia Abrão) e a Rede Globo, sendo que a última foi a única a seguir os preceitos do Código e mostrar-se como um exemplo de ética jornalística. De acordo com o Capítulo II do Código, Da conduta profissional e jornalística, lê-se:

Art. 7º O jornalista não pode:

IV - Expor pessoas ameaçadas, exploradas ou sob risco de vida, sendo vedada a sua identificação, mesmo que parcial, pela voz, traços físicos, indicação de locais de trabalho ou residência, ou quaisquer outros sinais

No Capítulo III do Código, Da responsabilidade profissional do jornalista, afirma-se:

Art. 11. O jornalista não pode divulgar informações:

II - De caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes;

III - Obtidas de maneira inadequada, por exemplo, com o uso de identidades falsas, câmeras escondidas ou microfones ocultos, salvo em casos de incontestável interesse público e quando esgotadas todas as outras possibilidades de apuração;

A Rede Globo foi a única emissora que respeitou a imagem dos envolvidos, ao vedar parcialmente a identificação do sequestrador. Além disso, a entrevista cedida à Globo foi editada, para que apenas as partes de relevância pública fossem transmitidas, na tentativa de fugir do sensacionalismo.

A todo momento, durante essas entrevistas, o sequestrador deixava claro que entendia a participação da mídia no acontecimento, e que inclusive contava com a ajuda e com a credibilidade da imprensa. Em entrevista à Sonia Abrão, no programa *Agora é Tarde*, da Rede TV, Lindemberg afirma que, ao libertar Eloá, queria a presença maciça da imprensa no local, para garantir que nada aconteceria com ele.

Ainda nessa entrevista, o sequestrador cita outro grande caso da cobertura policial brasileira, que foi o sequestro do ônibus 174. Ele afirma que o sequestrador do ônibus não pretendia atirar em uma das reféns, como ocorreu, mas que a pressão policial o obrigou a fazer isso. Lindemberg diz que não quer ser obrigado a fazer o mesmo com Eloá.

Na época, toda a programação jornalística das emissoras voltou-se a esse acontecimento. A Rede Globo, no entanto, buscou uma cobertura diferenciada, que respeitasse o espaço dos familiares das vítimas e a apuração policial, ainda assim garantindo a divulgação de informações de interesse público.

A programação da emissora, apesar de fornecer um grande espaço à cobertura desse caso, tratava o assunto com sensibilidade, respeito e ética. A Globo não apenas transmitia imagens do local, ao vivo. A Rede buscava contextualizar o crime, trazer o perfil psicológico dos envolvidos, os antecedentes e fazer uma investigação paralela à investigação policial, o que resultou na divulgação do real desfecho do conflito, em detrimento aquele defendido pela equipe policial (GLOBO, 2012).

A cobertura jornalística da Rede Globo do Caso Eloá rendeu à emissora a indicação ao Emmy Internacional, na categoria de notícia, em 2009.

A tese policial afirma que na sexta feira, 18 de outubro, às 18h10, tiros foram ouvidos do apartamento de Eloá. Como o sequestrador já havia avisado ao negociador que tudo estava chegando ao fim minutos antes, a polícia estava preparada para o conflito. Assim, após os supostos tiros, o grupo policial explodiu a porta do apartamento

e invadiu o local. Isso causou o desespero do sequestrador, que atirou nas reféns, o que levou a morte cerebral de Eloá.

Apesar de as demais emissoras terem acatado essa tese, a Rede Globo questionou duramente a posição policial. Com uma edição do *Jornal Nacional* voltada apenas para o desfecho do caso, a Emissora convidou peritos criminais a analisarem gravações do momento antecessor a explosão, em que eles afirmaram que os tiros só foram ouvidos após a invasão.

A Globo também convidou o ex-capitão do BOPE, Rodrigo Pimentel, que identificou mais erros policiais no caso. Segundo ele, os 15 segundos entre a explosão da porta e a invasão policial foram cruciais, pois permitiram que o sequestrador atirasse nas vítimas. A emissora também teve acesso às declarações dos agentes policiais que participaram da ação. De cinco policiais, quatro afirmaram terem ouvidos tiros antes da invasão, porém nenhum conseguiu ser preciso quanto ao momento exato (GLOBO, 2012).

Em outra edição, o *Jornal Nacional* convidou um brasileiro participante da SWAT para analisar outras imprecisões no caso. O primeiro erro apontado pelo agente foi a duração do sequestro. Segundo ele, uma equipe bem preparada jamais teria permitido que um cárcere durasse tanto tempo. Ele apontou, também, estratégias de resgate em diversos momentos do sequestro, como naqueles em que Eloá aparecia na janela. Ele criticou também a organização da equipe policial e médica no momento da explosão, tendo em vista que o tumulto do lado de fora do apartamento impedia o acesso dos médicos às vítimas.

Após o desmonte da tese policial e de muita negociação, o *Fantástico* garantiu uma entrevista exclusiva com a vítima sobrevivente, Nayara Alves. Nesse depoimento, concedido à jornalista Renata Ceribelli, a jovem fortalece ainda mais as evidências de negligência policial. Ela afirma que não havia ocorrido nenhum tiro dentro do apartamento antes do momento da explosão.

Ainda nesse depoimento, a jovem fala sobre um dos momentos mais controversos do caso, sua volta ao apartamento. Ela diz que foi pressionada pela polícia a voltar ao apartamento, e que em momento nenhum recebeu orientações sobre como agir naquele momento. Ela afirma, ainda, que no momento que Lindemberg a forçou a voltar ao cativado sob a mira de um revólver, uma fresta da porta do apartamento ao

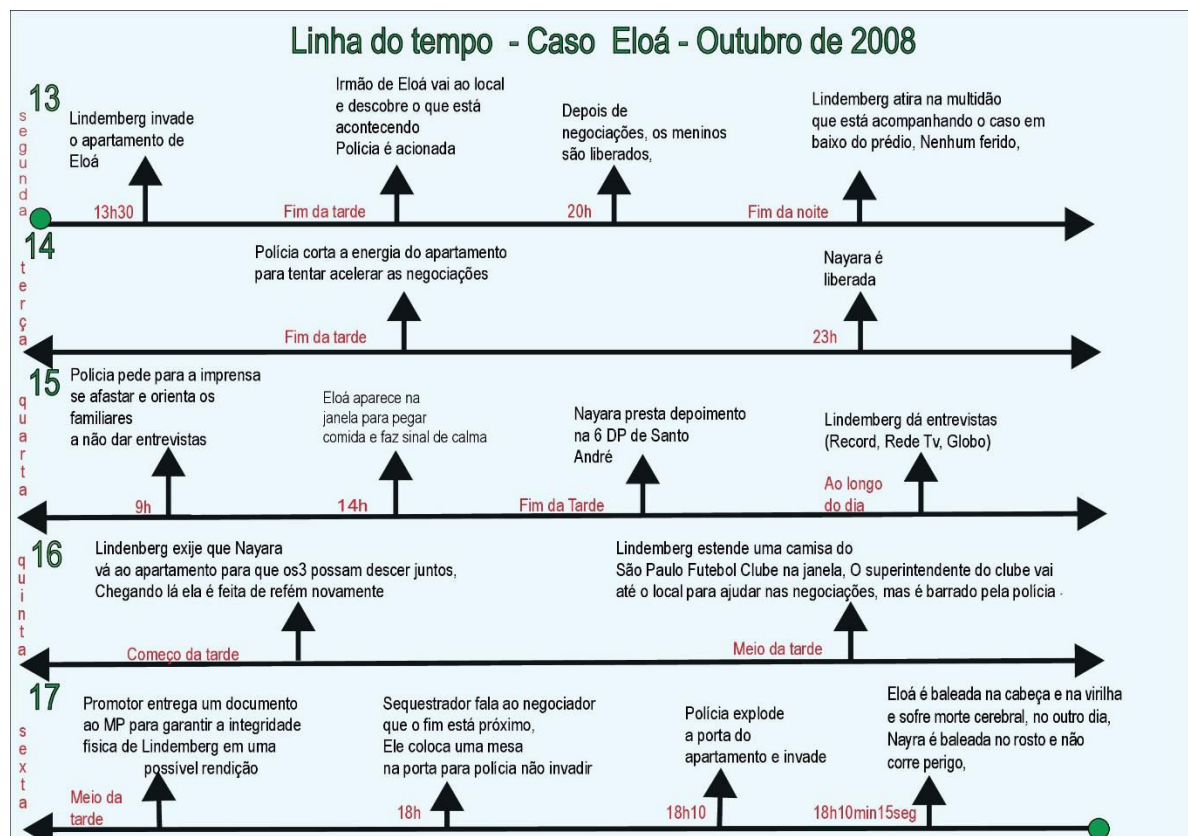
lado, que estava ocupado por uma equipe policial, foi aberta. Ainda assim, ninguém ajudou a jovem.

Mesmo após essa declaração, a polícia continuou afirmando que a explosão só havia ocorrido após os tiros, e que Lindemberg era o único culpado pela morte de Eloá. A mãe da jovem, no entanto, deu uma entrevista em que afirmou que a polícia tinha 50% de culpa na morte da filha.

O principal compromisso do jornalismo é com a verdade, mesmo que essa seja de difícil obtenção. A Rede Globo, nesse contexto, nunca acatou a tese policial e fez de tudo para desmistificá-la, ao fazer sua própria investigação e sua própria apuração.

Há ainda os limites éticos de uma cobertura. A emissora precisa informar, sem desrespeitar a imagem dos envolvidos no caso e de seus familiares, fugindo, assim, do sensacionalismo e da divulgação sem necessidade de informações de caráter mórbido. A Globo conseguiu transmitir todas as informações de relevância pública, criar um panorama de contextualização para o caso e proteger a imagem dos envolvidos.

O princípio informacional, a credibilidade jornalística e o compromisso com a verdade e a ética da emissora nessa cobertura foram reconhecidos, e os rendeu uma indicação ao Emmy Internacional na categoria Notícia e o Prêmio Rede Globo de Jornalismo de melhor edição de telejornais, para o *Jornal da Globo* da noite do dia 19 de outubro.





Eloá pedindo calma da janela do cativairo. **Fonte:** Wikipédia.

Nayara voltando ao cativairo a pedido de Lindemberg.

Fonte: UOL Notícias.



Referências

Caso Eloá Cristina (https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Eloá_Cristina)

Caso Eloá Pimentel (<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/crimes/caso-eloa-pimentel/n1597621952083.html>)

Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (<http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros.pdf>)

Entrevista de Lindemberg à Record (https://www.youtube.com/watch?v=R9UP_piD9IU)

Entrevista de Lindemberg à Sonia Abrão (<https://www.youtube.com/watch?v=Y3oTNzkuUQE>)

Memorial da Globo sobre o Caso Eloá (<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/caso-eloa/a-historia.htm>)

Relembre o Caso Eloá (<https://noticias.r7.com/sao-paulo/noticias/relembre-o-caso-elo-20091009.html>)